

(p. 207-240); D. Glossário sumério, que é quase um mini-dicionário, tendo em conta a falta de dicionários práticos para o sumério e a intenção anunciada pelo Autor de proximamente publicar uma antologia mais ampla de textos sumérios (p. 241-295).

Enfim, que fazer com esta gramática? Inquestionavelmente, tomá-la não só como um laboratório de exercitação, mas sobretudo como um terreiro de festa.

José Augusto M. Ramos

LUISE SCHOTTROFF, SILVIA SCHROER, MARIE-THERES WACKER, *Feministische Exegese*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1995. 262 pp. ISBN 3-534-12070-1.

Este livro pretende valorizar os resultados da investigação da Bíblia sob a perspectiva das mulheres. Quanto às Autoras, L. Schottruff é uma professora de Novo Testamento na Universidade de Kassel.; S. Schroer é professora de Antigo Testamento e do mundo pré-clássico na Faculdade de Teologia de Friburgo, Suíça; M.-T. Wacker é professora de Antigo Testamento e Teologia feminista na universidade de Münster. Todas elas são conhecidas desde há anos no âmbito da teologia feminista.

Este é já um livro de síntese sobre o confronto que os estudos feministas têm vindo a manter com a Bíblia. Sumariza-se a história da leitura e interpretação da Bíblia levada a cabo por mulheres desde o século XIX no contexto de língua alemã.

O tipo de exegese que aqui se propõe e se ensaia pode considerar-se feminista no sentido em que investiga a história das mulheres que na Bíblia se espelha, mostra as atitudes antifeministas ali testemunhadas e valoriza as tradições bíblicas portadoras de virtualidades libertadoras do papel da mulher.

Cada uma das três partes do livro é um capítulo próprio de cada uma das três autoras. A primeira parte (p. 1-79) é de M.-T. Wacker e propõe uma revisão sintética de várias questões teóricas, nomeadamente a história desta exegese e os seus grandes conceitos. De maneira bastante informativa e profunda, muito enriquecida com a imagem das bibliografias históricas, são passados em revista os grandes conceitos de patriarcado e matriarcado, androcentrismo, sexismo e expostas as interferências das principais metodologias de estudo da Bíblia com o feminismo.

A segunda parte procura fazer uma reconstrução feminista da História de Israel (p. 81-172), com a história desta historiografia e dos trabalhos que nela desembocam, tais como as traduções, alguns cortes longitudinais ou síntese dos grandes momentos da sua história e, finalmente, a modos de síntese, alguns cortes verticais sobre temas particularmente pertinentes da questão feminista na história de Israel. Este capítulo é de S. Schroer. Um interessante capítulo, neste domínio, é ainda o da crítica feminista ao monoteísmo, na qual se detectam algumas perdas e também alguns ganhos da ideia feminista na evolução da concepção hebraica de Deus em direcção à formulação monoteísta. O lugar da mulher no culto é tanto menos significativo quanto mais oficial e quanto mais monoteísta ele se apresentava. Na época da monarquia, a mulher só aparece com funções religiosas com relação a deuses estranhos ou como expressão de práticas religiosas mais marginais. Entende-se o seu lugar mais intenso na religiosidade familiar. O mundo religioso hebraico reflecte uma insuficiente mitologia do feminino. Mas não foi o Javismo que instalou a sociedade patriarcal.

Alguns destes temas são já suficientemente consensuais, de tal maneira que o último, por exemplo, se encontra perfeitamente assumido como dimensão simbólica profundamente pertinente para a antropologia geral, se bem que a sua realidade esteja enraizada sobretudo pela perspectiva do feminino e possa representar mesmo o âmago da feminilidade. É o capítulo sobre o útero e a compaixão, no qual se apoia o capítulo sobre Deus na barriga, no livro de que é co-autora, *Die Koerpersymbolik der Bibel*, e de que se fez a apresentação noutra recensão deste mesmo número da *Cadmo*. O facto de se ter transformado o estatuto de fragilidade da mulher num paradigma universal de condição humana e numa autêntica categoria teológica representa certamente uma vingança do feminino. A idealização compensatória da mulher, não somente através de figuras femininas destacadas na história mas com metáforas sobre-humanas como a sabedoria transformada numa hipóstase divina, reintroduzem o feminino nas altas esferas do simbolismo religioso.

A terceira parte consiste em pistas para uma reconstrução feminista da história do cristianismo primitivo (p. 173-248) e a Autora é L. Schottroff. A releitura feminista do Novo Testamento é particularmente relevante, uma vez que nele se enraízam coordenadas de mentalidade, de disciplina e de exegese que interferem nos modelos práticos das sociedades cristãs ao longo dos dois milénios pós-bíblicos. O Novo Testamento apresenta-se, desta maneira, como uma fonte para a história das mulheres. Do ponto de vista patriarcal, há frequen-

temente mulheres e grupos de mulheres a viver uma situação anómala, pois nem são filhas nem são esposas. A sociologia pressuposta no Novo Testamento é já bastante inovadora. E a grande atracção das mulheres pelo cristianismo primitivo deve ter andado muito ligada às virtualidades libertadoras produzidas pelo seu característico discurso ascético e pelas formas de organização comunitárias não hierarquizadas. Qual a dose de patricarcalismo tradicional e qual o peso de inovação libertadora se deve considerar o do cristianismo primitivo. A crítica feminista à teologia do Novo Testamento repercute-se em última análise nas questões do serviço e das funções eclesiais. A prática exegética feminista sobre o Novo Testamento é exemplificada com o texto “o que Deus uniu...”, segundo Mc, 2-12.

Em suma, este livro não é nenhuma excrescência sectária a sublinhar um lado exclusivo do tema. É um interessante retomar da questão em profundidade e passo a passo acompanhado da referência bibliográfica aos que anteriormente estudaram cada pormenor. É uma síntese e quase um guia de estudo.

José Augusto M. Ramos

JOSÉ NUNES CARREIRA, *Cantigas de amor do Oriente Antigo*, Edições Cosmos, Lisboa, 1999, 266 pp., ISBN 972-762-174-0.

Esta obra leva como subtítulo «Estudo e antologia» e foi isso que o Autor pretendeu e apresentou. Por isso o seu livro integra duas partes bem diferenciadas: uma primeira, onde se esboça um quadro geral histórico e sobretudo cultural, dentro do qual esta criatividade poética se integra e progressivamente vai evoluindo. Esta é a parte do estudo. Uma segunda se segue e particularmente importante, a das antologias relativas a cada entidade cultural, segundo os seus específicos «corpus» literários. Na capa, anichou-se um subtítulo diferente: «Estudo e tradução». De facto, o Autor apresenta-nos na antologia a tradução dos textos das cantigas de amor, quer de avalizadas traduções existentes para os textos em sumério e em egípcio e que ele refere, quer directamente do original hebraico. De três regiões culturais provêm os textos sobre as cantigas de amor: da Suméria, do Egipto e de Israel.

A cada um destes casos o Autor define uma especificidade. A literatura suméria apresenta a temática do lirismo com uma conotação afim do que se poderia chamar um realismo mítico. São as resso-